A escrita de autoria feminina negra: a identidade de gênero e raça na poética de Cristiane Sobral

Writing by black women: gender and race identity in the poetics of Cristiane Sobral

La escritura de autoría femenina negra: la identidad de género y raza en la poética de Cristiane Sobral

Evelyn Felix da Silva
https://orcid.org/0009-0005-2749-4746
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Junior César Ferreira de Castro
https://orcid.org/0000-0003-1747-8425
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

A literatura contemporânea brasileira, embora marcada pela diversidade temática e estética, ainda marginaliza a produção de autoras negras, cuja escrita permanece, historicamente, silenciada por um cânone centrado na experiência masculina e branca. Neste contexto, o da autoria feminina negra, a pesquisa se justifica pela relevância em que a poesia de Cristiane Sobral atua no cenário da poesia lírica por trazer uma escrita engajada que articula identidade, resistência e autorrepresentação da mulher negra pela crítica decolonial. A problemática questiona de que modo a autoria feminina negra de Cristiane Sobral atua como prática estética e política de resistência, promovendo a ressignificação da identidade da mulher negra no cenário sociocultural brasileiro. O objetivo é analisar a construção da identidade da mulher negra na poesia lírica, evidenciando como as questões de raça, de gênero e de classe social se articulam para as constituições das subjetividades e das formas de resistência. Como a poesia da autora emerge do enfrentamento aos discursos que relegam a mulher negra à subalternidade social, cultural e simbólica, o trabalho se fundamenta pelo viés dos estudos culturais e literários por meio do feminismo negro, da decolonialidade e da interseccionalidade com Akotirene (2019), Kilomba (2019), Carneiro (2005), Lugones (2020), Nascimento (2021), Collins e Bilge (2021); bem como os da poesia negro-brasileira com Cuti (2010), Duarte (2019) e Evaristo (2026). Para isso, convocou-se a pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória orientada pelo método indutivo e fenomenológico (Durão, 2020; Triviños, 1987). Os resultados alcançados ressignificam, através da poesia lírica, as experiências históricas de opressão, transformando o corpo, a estética do cabelo e a memória em espaços de emancipação ao desestabilizar o cânone patriarcal eurocêntrico para promover a visibilidade das epistemologias e das experiências negras femininas.

Palavras-chave: Poesia negro-brasileira. Decolonialidade. Identidade. Ancestralidade.

Abstract

Contemporary Brazilian literature, although marked by thematic and aesthetic diversity, still marginalizes the work of Black women authors, whose writing remains historically silenced by a canon centered on the male and white experience. In this context, that of Black women's authorship, this research is justified by the relevance of Cristiane Sobral's poetry in the lyric poetry scene, as it presents an engaging writing that articulates identity, resistance, and self-representation of Black women through decolonial criticism. The problem questions how Cristiane Sobral's Black women's authorship acts as an aesthetic and political practice of resistance, promoting the re-signification of Black women's identity in the Brazilian sociocultural landscape.

The objective is to analyze the construction of Black women's identity in lyric poetry, highlighting how issues of race, gender, and social class are articulated in the constitution of subjectivities and forms of resistance. Since the author's poetry emerges from confronting discourses that relegate Black women to social, cultural, and symbolic subalternity, this work is grounded in the perspective of cultural and literary studies through Black feminism, decoloniality, and intersectionality, drawing on the work of Akotirene (2019), Kilomba (2019), Carneiro (2005), Lugones (2020), Nascimento (2021), Collins and Bilge (2021); as well as Black Brazilian poetry, with the work of Cuti (2010), Duarte (2019), and Evaristo (2026). To this end, a bibliographic, qualitative, and exploratory research approach was employed, guided by the inductive and phenomenological methods (Durão, 2020; Triviños, 1987). The results achieved, through lyrical poetry, reframe historical experiences of oppression, transforming the body, hair aesthetics, and memory into spaces of emancipation by destabilizing the Eurocentric patriarchal canon to promote the visibility of Black women's epistemologies and experiences.

Keywords: Lyrical poetry; Black female authorship; Contemporary literature; Resistance; Identity.

Resumen

La literatura brasileña contemporánea, si bien se caracteriza por su diversidad temática y estética, sigue marginando la producción de autoras negras, cuya escritura ha permanecido históricamente silenciada por un canon centrado en la experiencia masculina y blanca. En este contexto, el de la autoría femenina negra, la investigación se justifica por la relevancia de la poesía de Cristiane Sobral dentro del panorama de la poesía lírica, al proponer una escritura comprometida que articula la identidad, la resistencia y la autorrepresentación de la mujer negra a través de la crítica decolonial. El planteamiento central cuestiona de qué manera la autoría femenina negra de Cristiane Sobral funciona como una práctica estética y política de resistencia, promoviendo la resignificación de la identidad de la mujer negra en el escenario sociocultural brasileño. El objetivo es analizar la construcción de la identidad de la mujer negra en la poesía lírica, evidenciando cómo las cuestiones de raza, género y clase social se articulan en la constitución de las subjetividades y las formas de resistencia. Dado que la poesía de la autora surge del enfrentamiento a los discursos que relegan a la mujer negra a una situación de subalternidad social, cultural y simbólica, este trabajo se fundamenta en los estudios culturales y literarios, recurriendo al feminismo negro, la decolonialidad y la interseccionalidad, con autoras como Akotirene (2019), Kilomba (2019), Carneiro (2005), Lugones (2020), Nascimento (2021), Collins y Bilge (2021), así como en los estudios sobre la poesía negro-brasileña, con aportes de Cuti (2010), Duarte (2019) y Evaristo (2016). Para ello, se ha llevado a cabo una investigación bibliográfica, cualitativa y exploratoria, orientada por los métodos inductivo y fenomenológico (Durão, 2020; Triviños, 1987). Los resultados alcanzados resignifican, a través de la poesía lírica, las experiencias históricas de opresión, transformando el cuerpo, la estética del cabello y la memoria en espacios de emancipación al desestabilizar el canon patriarcal eurocéntrico para promover la visibilidad de las epistemologías y de las experiencias negras femeninas.

Palabras clave: Poesía negra brasileña. Descolonialidad. Identidad. Ancestralidad.

Introdução

Ao longo de sua constituição histórica, a poesia lírica brasileira foi marcada pela centralidade de vozes masculinas, brancas e eurocêntricas, resultando na marginalização de produções literárias que escapavam a esse modelo hegemônico patriarcalista. Neste cenário, o da invisibilidade das literaturas de identidades periféricas, a poesia negro-brasileira emerge como um campo de resistência estética, política e simbólica que vem tensionando o cânone literário ao reivindicar esses espaços de representação e fala para os sujeitos, historicamente, silenciados, principalmente, as mulheres negras.

Dentro do contexto da literatura de autoria feminina, a mulher negra ocupa um lugar complexo ao ser imposta as marcas da interseccionalidade constituídas, simultaneamente, pelas opressões de raça, gênero e classe social (Akotirene, 2019, p. 19-54). Este sistema único de desigualdade está presente na literatura brasileira desde a tentativa de invisibilidade da poesia de Maria Firmina dos Reis ao retratar, em *Cantos à Beira-Mar* (1871), o eu-lírico enquanto sujeito e não objeto temático da poesia durante o período escravagista do século XIX. Ao escrever, a mulher negra na contemporaneidade passa a desafiar essas estruturas de opressão que a relegaram à condição de objeto e de subalternidade tão presente na história da literatura brasileira. Ao representá-la como uma imagem poética pelas suas experiências atravessadas pelo racismo estrutural, sexismo e desigualdades sociais, a escrita passa então agir como forma de combate ao epistemicídio negro para construir uma vivência política de valorização cultural e literária (Carneiro, 2005, p. 99-100; Kilomba, 2019, p. 111-118).

Se a escrita feminina negra atua como enfrentamento e transgressão sobre qualquer forma de naturalização do racismo na sociedade, logo, este estudo contribui na recomposição da tradição literária brasileira ao valorizar as produções de mulheres negras como, por exemplo, as de Cristiane Sobral, para romper com a lógica patriarcal e excludente do cânone. Com isso, o objeto de investigação desta pesquisa se centra, especificamente nas obras *Não vou mais lavar os pratos* (2021) e *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014). Esta definição temática se justifica pela relevância tanto da autora no cenário da poesia lírica contemporânea brasileira quanto por trazer uma escrita engajada que articula identidade, resistência e autorrepresentação da mulher negra pela perspectiva crítica decolonial.

Ao pensarmos sobre a configuração histórica da figura feminina, em especial a da mulher negra na literatura brasileira, veremos que ela foi simbolizada ora como um corpo sexualizado ora como trabalho escravo ou de mãe preta na casa-grande dos senhores brancos. Estereótipos estes romantizados e arquitetados para abnegar a maternidade, inviabilizar as dores e retirar a sua subjetividade. Daí o estudo ter como problema central o questionamento do modo como a autoria feminina negra de Cristiane Sobral atua na questão da resistência e ressignificação da mulher negra no contexto sociocultural brasileiro. O objetivo consiste em analisar como a sua poesia configura, através da forma e do conteúdo, a identidade da mulher negra a partir da intersecção entre gênero, raça e classe social. A relevância desta pesquisa reside na necessidade de ampliar o debate acerca da escrita de autoria feminina negra ainda pouco contemplada pela crítica literária tradicional.

A presença histórica da marginalização imposta pela elite colonizadora naturalizou o lugar de ocupação da mulher negra dentro da sociedade. O que temos visto é a determinação do espaço de presença (na condição tanto de doméstica ao lavar os pratos quanto de mulata para embranquecer no alisamento dos cabelos) e, ainda, de um espaço da ausência no campo intelectual na tentativa de afastá-la do seu poder de fala. Para entendermos essa ruptura de espaços, o viés teórico-metodológico se centra em uma abordagem bibliográfica de natureza qualitativa orientada pelo método fenomenológico e indutivo (Durão, 2020; Triviños,1987). Assim, a investigação dialoga com escritoras negras que problematizam as articulações entre poder, identidade, raça e gênero em contextos marcados pela colonialidade como discutidos por Akotirene (2019), Kilomba (2019), Carneiro (2005), Lugones (2020), Nascimento (2021), Collins e Bilge (2021); e ainda, pela análise estético-literária da poesia por Candido (2006) e da poesia negro-brasileira com Cuti (2010), Duarte (2019) e Evaristo (2026).

A poesia de Cristiane Sobral nos proporciona uma compreensão maior sobre a escrita de autoria feminina negra e da formação identitária da mulher negra como forma de ruptura como o passado constituído por esse sistema social e cultural baseado na supremacia branca masculina. Partindo-se deste entendimento de que a literatura se constitui de representações do real através da palavra dentro do campo das produções simbólicas, essa pesquisa também de caráter exploratório-analítica nos mostra como a identidade, o sexismo, a relação de poder e o processo histórico se tensionam enquanto forças de dominação corporal e intelectual sobre a mulher negra. A sua poesia é um espaço de resistência, de afirmação identitária e de crítica social por ser composta de imagens poéticas que nos demonstram como a sua escrita contribui na desestabilização dos discursos hegemônicos e para ampliar as possibilidades de representação da mulher negra na literatura brasileira contemporânea.

A poética lírica de Cristiane Sobral evidencia, de um modo expressivo, a construção de um sujeito negro, ou melhor, de uma subjetividade negra que opera frente às estruturas de opressão do racismo estrutural. Esse processo de arquitetação do eu negro requer o seu espaço de fala na literatura como forma de resistência a fim de destituir a cultura patriarcal para implementar uma estética e uma política de ressignificação identitária. Logo, o percurso metodológico investigativo não quantifica dados, mas busca compreender os fenômenos de "como" o racismo e o sexismo aparecem na voz e na consciência do eu lírico. Outro fator é o "como" as marcas discursivas de resistência, da representação do corpo e da memória estão representadas na linguagem poética sobraliana para debater sobre a raça, o gênero e a classe

social. Portanto, as interpretações críticas dos textos literários aqui apresentados nos levam a entender a escrita de autoria feminina negra como forma de resistência e de enfrentamento ao cânone patriarcal e eurocêntrico. A autorrepresentação poética contribui para deslocar os estereótipos, historicamente, atribuídos à mulher negra, visto que a sua poesia é esse espaço de produção de novas narrativas identitárias instituídas no contexto literário contemporâneo, especialmente, no da poesia negro-brasileira.

1. Interseccionalidade e decolonialidade na poesia de Cristiane Sobral

A poesia de Cristiane Sobral é inserida no campo dos estudos literários da literatura negro-brasileira contemporânea ao arquitetar a voz lírica que rompe com a tradição subjetiva do eu romântico e individual para implementar um sujeito poético marcado pela experiência histórica, social e racial. Na concepção de Agamben (2009, p. 57), o ser contemporâneo se constitui pela relação singular com o seu próprio tempo, caracterizado por um desajuste ou anacronismo que permite ao indivíduo não coincidir, perfeitamente, com a sua época. Ao relacionar essa ideia com a poética sobraliana, podemos perceber que o eu lírico estabelece uma conexão dialética com a temporalidade. É um sujeito intempestivo por assumir a postura de deslocamento ao passado diante do presente para desestabilizar um eu idealizado ou de caráter nacional a fim de implementar uma voz de resistência e descendência africana.

Dentro da perspectiva da literatura contemporânea, a poética de Cristiane Sobral se insere na poesia negro-brasileira por configurar o sujeito lírico com a voz política decolonial ao questionar todas as estruturas de poder herdadas do colonialismo, especialmente, aquelas que naturalizam a subalternização feminina e racial. Na concepção de Cuti (2010, p. 36), a expressão “negro-brasileira” é definida a produção literária em que o sujeito negro assume a consciência de sua condição histórica, transformando a vivência do racismo e da exclusão em matéria estética e em projeto de autodefinição. Para o autor, essa literatura se caracteriza pelo real compromisso com a comunidade negra, onde o ato de escrever funciona como gesto de desalienação e resposta ativa contra a invisibilidade imposta pelo cânone tradicional.

A proposta decolonial na poesia de Cristiane Sobral dialoga muito com o que Nascimento (2021, p. 55) chama de descolonização da narrativa histórica. O ato de negar ou de submeter aos padrões da branquitude ou de opor a lógica colonial pela subversão do papel histórico de submissão imposto à mulher negra já lhe estrutura a forma de resistência e de organização social voltado aos princípios do Feminismo Negro. A mulher negra vem lutando

pelos espaços em que há a sua ausência, requerendo e afirmando o direito no campo intelectual por meio dos conhecimentos epistêmicos e da leitura da negritude, recusando ser inserida no espaço da presença, onde é associada às atividades da servidão e ser responsável, exclusivamente, pelo trabalho doméstico:

> Não vou mais lavar os pratos
> Nem vou limpar a poeira dos móveis
> Sinto muito. Comecei a ler.
> Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
> Não levo mais o lixo para a lixeira.
> Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
> Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos,
> a estética dos traços, a ética
>
> (Sobral, 2021, p. 13).

O sujeito lírico se manifesta sob a subjetividade negra ao falar enquanto sujeito de um lugar social marcado pela raça e gênero, revelando a consciência crítica que emerge da experiência concreta da opressão. Trata-se de uma voz lírica contemporânea que rompe com a tradição ao deslocar, segundo a visão de Paz (2020, p. 17-35), de um passado com foco no sentimentalismo individual para o eu coletivo com um olhar voltado à dimensão política do cotidiano. Em *"Não vou mais lavar os pratos/Nem vou limpar a poeira dos móveis"*, esse sujeito negro recusa as tarefas domésticas como símbolo de subalternização, e o ato de leitura age como instrumento de emancipação como no verso *"Depois de ler percebi a estética dos pratos,/a estética dos traços, a ética"*. Quanto à forma, há a ruptura canônica do soneto com versos livres, linguagem direta e estrutura simples. Características estéticas estas que inovam ao privilegiar a oralidade e a acessibilidade negra, aproximando a poesia das experiências reais e coletivas em oposição aos modelos eurocentrados.

A perspectiva decolonial feminista busca desconstruir as leituras hegemônicas sobre a mulher produzidas pelas epistemologias eurocêntricas, questionando assim a naturalização das desigualdades de gênero, raça e classe (Lugones, 2020, p. 51-81). O gesto de "começar a ler" representa não apenas a ação cotidiana feminina imposta pelo patriarcado brasileiro. Os versos *"outro dia um livro e uma semana depois decidi"* e *"Não levo mais o lixo para a lixeira"* correspondem ao movimento de ruptura epistemológica ou apagamento da violência epistêmica (Carneiro, 2005, p. 100) dentro dos espaços de presença. Logo, o eu lírico adentra aos campos intelectuais ao reivindicar o direito ao conhecimento e a produção de saberes pela experiência histórica das mulheres negras.

A negação ao ato da leitura pode ser compreendida, segundo Collins e Bilge (2021, p. 16), à luz da interseccionalidade. Segundo as autoras, as opressões não atuam de forma isolada, mas articulada ao produzir formas específicas de vulnerabilidade social. O trabalho doméstico no poema não aparece apenas como atividade corriqueira, mas como o marcador de posição social, evidenciando a sobreposição interseccional entre o racismo, o sexismo, a desigualdade econômica e social (Akotirene, 2019, p. 54). Na poesia de Cristiane Sobral está evidente a perspectiva decolonial e do feminismo negro de resistência ao afirmar a recusa das tarefas domésticas como o destino naturalizado da mulher, sobretudo, a da negra a qual foi, historicamente, associada e silenciada quanto ao trabalho servil:

> Não vou mais lavar. Nem levar.
> Seus tapetes para lavar a seco.
> Tenho os olhos rasos d'água
> Sinto muito.
> Agora que comecei a ler, quero entender
> O porquê, por quê? E o porquê
> Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri
> E deixei o feijão queimar...
> Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
> Considere que os tempos agora são outros.
>
> (Sobral, 2021, p. 13).

O sujeito poético apresenta uma subjetividade negra não pela emoção exacerbada e nacional conforme o Romantismo ou através da dissolução do "eu" como ocorreu com os parnasianos e simbolistas. A tomada de consciência em *"tenho os olhos rasos d'água"* e *"O porquê, por quê? E o porquê/Existem coisas"* revela um ser político, questionador e crítico da realidade enquanto um processo de ruptura com a sua condição de subalternidade. Esse movimento pode ser compreendido à luz do que Duarte (2019, p. 224) denomina de poesia negro-brasileira ao afirmar que ela se constitui pela apropriação da palavra e do corpo como instrumentos de luta e denúncia. A voz das autoras negras se coloca, politicamente, contra os silenciamentos históricos, e produzem sentidos que rompem com estruturas de opressão. Esta proposta está evidenciada quando o "eu-nós" (no coletivo) restaura a identidade e a ancestralidade da África Negra mesmo no processo de desterritorialização. Já Collins e Bilge (2021, p. 16) apontam que a interseccionalidade se articula na produção de desigualdade da mulher negra. Entretanto, vemos que esse sujeito lírico rompe com a sobrecarga do trabalho doméstico e com o sexismo ao ter acesso ao espaço da intelectualidade ("*Eu li, e li, e li. Eu até sorri"*), tratando não só da questão de gênero, mas de raça e de posição socioeconômica.

A interseccionalidade permite-nos compreender a inseparabilidade entre o racismo, o capitalismo e o patriarcado. Elementos estes que, historicamente, relegaram as mulheres negras a posições de trabalho precarizado e invisível (Akotirene, 2019, p. 54). Em *"E deixei o feijão queimar"* trata-se de um gesto que adquire forte valor simbólico, pois rompe com a expectativa social de cuidado e servidão atribuída às mulheres ao sinalizar a priorização de si mesma e de sua formação intelectual. Assim, essa dimensão emocional dialoga com as reflexões de Kilomba (2019, p. 111-118) no que diz respeito ao impacto psíquico do racismo cotidiano e da forma como ele produz a exaustão e o silenciamento. As lágrimas do sujeito lírico são interpretadas como manifestação desse desgaste histórico, mas também um momento de transição para uma postura de resistência. Ao afirmar que passou a perceber que *"os tempos agora são outros*", o eu lírico aponta para toda uma transformação histórica e epistemológica alinhada à perspectiva decolonial feminista então apresentada por Lugones (2020, p. 51-81). Portanto, essa voz negra feminina reivindica novos territórios de conhecimento e de um olhar existencialista em direção às mulheres racializadas, destituindo-se, *a priori*, dos paradigmas impostos pelo feminismo hegemônico ocidental:

> Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras (Ribeiro, 2018, p. 34-35).

A partir deste entendimento, o de discutir identidades negras, nota-se a defesa de um feminismo antirracista, anticapitalista e transversal que reconhece a interdependência entre o racismo, o patriarcado e a desigualdade econômica. O feminismo negro reivindica o protagonismo da mulher negra nos espaços sociais, políticos e acadêmicos, combatendo a exclusão histórica e a invisibilização das experiências e saberes. Como podemos perceber na seguinte estrofe:

> Aboli
> Não lavo mais os pratos
> Quero travessas de prata, cozinha de luxo
> E joias de ouro.
> Legítimas
> Está decretada a lei áurea.
>
> (Sobral, 2021, p. 13).

No excerto do poema, a decolonialidade é manifestada de modo explícito ao se evocar, simbolicamente, a abolição das pessoas escravizadas ao recusar o trabalho doméstico como a herança histórica imposta à mulher negra. Este lirismo feminino evidencia uma subjetividade negra ao reivindicar a dignidade, luxo e reconhecimento, deslocando-se da posição de servidão para a de sujeito de direitos e de desejos no gesto de autorreparação simbólica (*"Quero travessas de prata"* e *"joias de ouro"*). Neste sentido, a reivindicação de objetos associados a riquezas também é compreendida pela interseccionalidade, visto que a pobreza e a precarização não são fenômenos neutros e sim atravessados por marcadores raciais e de gênero. Ao desejar "*cozinha de luxo*" e as *"joias legítimas"*, o sujeito lírico vem confrontar estereótipos que, historicamente, restringiram essas mulheres ao trabalho servil e à privação material, afastando-as ao direito do conforto, do prazer e da visibilidade social.

A ressignificação da Lei Áurea sob a perspectiva da experiência negra feminina revela uma crítica implícita à narrativa oficial da abolição. Ela foi apresentada como ato benevolente da elite branca e não garantiu condições reais de cidadania à população negra. O poema dialoga com as reflexões de Carneiro (2005, p. 100) acerca da persistência de mecanismos ou de dispositivos de racialização e exclusão após o fim formal da escravidão por meio do que a autora denomina de epistemicídio da negação sistemática da humanidade e dos saberes da população negra.

Os versos *"Aboli/Não lavo mais os pratos* demonstram-nos a ressignificação do eu feminino negro diante das experiências ordinárias do cozinhar, do limpar ou do cuidar da casa, convertendo-as, segundo Salgueiro (2005, p. 100-102), em instrumentos de crítica social e afirmação identitária. Essa dimensão simbólica dialoga com as reflexões de Kilomba (2019, p. 111-118) ao analisar que os sujeitos negros são posicionados como "Outros" dentro das estruturas sociais. Assim, ao proclamar sua própria libertação em *"Está decretada a lei áurea"*, o sujeito lírico recusa esse lugar imposto e assume a autoridade de narrar sua própria história, rompendo com a dependência de validação externa. Na concepção de Akotirene (2019, p. 54):

> Necessitamos compreender cisheteropatriarcado, capitalismo e racismo coexistindo, como modeladores de experiências e subjetividades da colonização até os dias da colonialidade. Para nós, mantermos o feminismo negro é dizer que a interseccionalidade denota riqueza epistêmica, que desta vez não será tirada da diáspora africana.

A crítica feminista negra e decolonial ressalta que essa interseccionalidade evidencia a inseparabilidade entre o racismo, o capitalismo e o patriarcado. Isto se deve ao fato de se tratar de sistemas que produziram a marginalização econômica das mulheres negras. O desejo expresso pelos bens materiais e de luxúria no poema não devem ser interpretados como consumismo individual, mas sim a reivindicação simbólica de reparação histórica e redistribuição de dignidade.

Sob a perspectiva da colonialidade e de gênero de Lugones (2020, p. 51-81), a crítica às narrativas históricas hegemônicas é, extremamente, fundamental para a construção de novos territórios epistêmicos e políticos. Logo, tais considerações são vistas no poema ao transformar o marco nacional em um ato íntimo e insurgente, evidenciando que a verdadeira emancipação não se limita ao plano legal histórico ao ser mencionado pelas letras minúsculas (*"a lei áurea"*). Quanto à questão estético-literária, o fato de não trazer o momento histórico com as iniciais maiúsculas vem despersonalizar o ato da assinatura restrito à mulher branca elitizada para envolver a reconstrução da subjetividade das condições existenciais de toda a coletividade e ancestralidade negra. A poesia lírica contemporânea de Cristiane Sobral, ou melhor, a autoria feminina negra manifesta-se na substituição do tom intimista tão presente na produção poética tradicional para se consubstanciar numa voz politizada que transforma o cotidiano em espaço de denúncia e emancipação.

Em termos formais, o poema utiliza versos livres e uma linguagem coloquial para aproximar o leitor da oralidade e romper com a estética clássica do poema canônico. Essa opção formal adotada por Cristiane Sobral valoriza uma escrita direta e acessível a outras mulheres e jovens negras para pensar na ruptura servil e doméstica, além de dar visibilidade à resistência negra. A repetição do advérbio de negação nos versos *"Não vou mais lavar. Nem levar./Não vou mais lavar os pratos/Nem vou limpar a poeira dos móveis/Não levo mais o lixo para a lixeira"* está, profundamente, vinculada à experiência histórica e social das mulheres negras, e se constituem no gesto de resistência à tradição literária eurocentrada. Trata-se, portanto, de uma poesia lírica contemporânea que reinterpreta a história oficial a partir de vozes silenciadas que gritam por meio desses versos curtos, diretos, performativos, de linguagem simples e de forte impacto semântico ("*Aboli"*). Segundo Candido (2006, p. 111), essa construção corrobora com a integração indissociável entre a estrutura e o sentido profundo da obra por se tratar de uma estética própria de intenção estética e social da autora.

Ao subverter o modelo poético erudito e ainda optar pela estrutura despojada e de lugar de fala, Cristiane Sobral aproxima a escrita da estética de resistência e da afirmação

identitária negra. A "economia" de palavras e a objetividade de seus versos funcionam com o que Candido (2006, p. 121) define de arranjo, onde cada elemento linguístico potencializa a mensagem pretendida. Portanto, é no jogo da palavra poética e da voz do eu lírico enquanto sujeito político dentro da poesia negro-brasileira que a sua escrita de autoria feminina negra se afirma enquanto dispositivo de denúncia racial, sexista e classista. Para Behr (2014, p. 3), a autora utiliza uma linguagem com inventividade e ironia a fim de levar ao leitor uma poesia social, engajada e de denúncia para marcar a metáfora ancestral. A sua poética não se trata da mera ornamentação de vocábulos, mas sim de todo um diálogo que se estabelece entre a memória e a identidade, transformando o velho rigor formal do poema em um ato de escrita libertária, política e de emancipação da mulher negra.

2. Corpo e cabelo afro: a representação simbólica da identidade negra

O corpo negro e o cabelo crespo são construtos sociais, históricos e políticos que vem demarcando as relações de poder e de identidade do povo afro-brasileiro. Eles atuam como territórios de luta, de memória e ancestralidade para se contrapor aos padrões eurocêntricos, sobretudo, de resistência à escravização. Todavia, o que temos visto ao longo dos séculos é uma estigmatização de inferiorização da negritude ao colocar o cabelo na condição de sujo e ruim. Durante o período colonialista, ainda presente sob a forma de um neocolonialismo, a violência contra o cabelo ainda atua enquanto meio de desumanização ao tentar apagar as tradições e os símbolos africanos.

Na poesia de Cristiane Sobral, especialmente na obra *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014) e no conto "Pixaim" (2011), a identidade da mulher negra passa a ser representada na sua constante luta contra a construção interseccional imposta pela condição de raça, gênero e classe social. O cabelo afro é um dos marcadores raciais ao assumir uma forte dimensão simbólica identitária, de liberdade e estética, sendo este um dos indicadores de resistência cultural. Entretanto, tornou-se um dos condicionantes do racismo estrutural e velado praticado pela sociedade patriarcal formado por homens brancos que coloca a mulher negra sob a sua propriedade material e até intelectual. Em consonância com o pensamento interseccional, que compreende as opressões como operadores articulados e simultâneos, é possível dizer que,

> Em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. Em vez disso, elas se sobrepõem e funcionam de maneira unificada, afetando todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Os mecanismos de dominação operam de forma integrada, estruturando os padrões sociais, estéticos e comportamentais que passam a regular corpos e subjetividades. No caso das mulheres negras, tais relações de poder incidem, diretamente, sobre o corpo e o cabelo, transformando-os em campos simbólicos de controle e hierarquização racial. Assim, raspar ou alisá-lo pode retomar a ideia de controle social, retirando o status de humanidade para indicar uma pessoa escravizada ou um marginal. Portanto, a valorização do *black* representa, para Akotirene (2019, p. 54), a rejeição aos padrões eurocêntricos de beleza e afirmação da subjetividade negra autônoma. No poema a seguir, já se observa o movimento de suspensão das pressões sociais que se impõem à mulher negra para a adequação às normas estéticas brancas:

> Só por hoje
> Vou deixar o meu cabelo em paz
> Durante 24 horas serei capaz
> De tirar
> Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
> Enfrentar a claridade
> Só por hoje
> Sou preta fujona
> Preparada para enfrentar o sistema
> Empino o black sem problema
> Invado a cena.
>
> (Sobral, 2014, p. 16).

Os versos, *"Só por hoje/vou deixar o meu cabelo em paz"*, sugerem que o controle do cabelo é uma prática constante, evidenciando a pressão social para o alisamento e a adequação aos padrões de beleza colonial. Em *"Empino o black"*, o sujeito lírico transforma o cabelo natural no símbolo de resistência, da autoaceitação e da visibilidade. Esse gesto é compreendido à luz da interseccionalidade que nos permitem analisar como a raça, o gênero e a classe social se entrelaçam na regulação dos corpos femininos negros. Nesta mesma visão, Diogo (2014, p. 14) assevera que há no poema uma denúncia/resistência ao fenômeno da imposição estética que se relaciona aos cabelos, e que esse sujeito lírico, na poesia de Cristiane Sobral, busca um modo particular e subjetivo de experienciar a vida, negando

qualquer modelo de padronização. Logo, a inseparabilidade entre o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado dá continuidade ao sistema que se impôs às mulheres negras padrões estéticos e comportamentais excludentes. Isto quer dizer que,

> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, produtores de vias de identidade em que as mulheres negras se veem repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparelhos coloniais (Akotirene, 2019, p. 19).

As estruturas de opressão atuam juntas e reiteram desigualdades específicas que sempre atingiram as mulheres negras, sobretudo, nos padrões estéticos e comportamentais excludentes impostos historicamente. Sob esta perspectiva, o da preservação da identidade, o ato de assumir o cabelo afro representa não só a escolha estética, mas um posicionamento político contra a lógica colonial de inferiorização dos traços negros. Este processo está presente nos versos *"De tirar/Os óculos escuros modelo europeu que eu uso"*, visto que o ato de retirar os óculos simboliza essa recusa de olhar o mundo a partir de referenciais coloniais, sugerindo o processo de descolonização da subjetividade negra. Já em *"Sou preta fujona/Preparada para enfrentar o sistema"* há uma demarcação de ruptura com os moldes eurocêntricos da mulher negra submissa ao afirmar que é uma "preta fujona", referindo-se a uma quebra de papéis predeterminados pela colonialidade através do silenciamento e da objetificação do corpo negro e cabelo crespo. Tal gesto converge a decolonialidade feminista ao se propor a construção de novos territórios epistêmicos pelas experiências históricas das mulheres racializadas (Lugones, 2020, p. 51-81), já que a postura corporal da mulher negra aparece ligada à dignidade e a recusa da submissão:

> Eu não olho para o chão.
> Minha alma não está nos meus pés
> Não sou bicho de estimação
>
> (...)
>
> Punhos sangrando
> Seios jorrando
> Sexo brotando
> Pra servir de comida.
>
> (Sobral, 2014, p. 16).

A recusa de olhar para o chão confronta os estereótipos associados à docilidade e à subserviência impostas às mulheres negras, em especial, no trabalho doméstico. O verso *"Não sou bicho de estimação"* é a afirmação da denúncia a desumanização racial ao analisar que o racismo cotidiano posiciona os sujeitos negros enquanto objetos e não sujeitos plenos, produzindo silenciamento e traumas (Kilomba, 2019, p. 111-118). Em *"Minha alma não está nos meus pés"* vem afirmar a sua humanidade e autonomia, pois o sujeito lírico rompe com esse lugar imposto ao reivindicar a dignidade. Esta dimensão da imagem poética da "preta fujona" é, na verdade, toda uma ressignificação política do estereótipo histórico que transforma a exploração colonialista das pessoas escravizadas em fuga para a simbolização da resistência ativa e da negação do sistema racista e eurocêntrico. Assim, essa representação imagética da não liberdade está dentro da proposta teórica de Carneiro (2005, p. 99) ao discutir a construção do negro como o "não-ser" nas sociedades racistas, mecanismo este que legitima a exploração e a exclusão social:

> A negação da plena humanidade do Outro, a sua apropriação em categorias que lhe são estranhas, a demonstração de sua incapacidade inata para o desenvolvimento e aperfeiçoamento humano, a sua destituição da capacidade de produzir cultura e civilização prestam-se a afirmar uma razão racializada, que hegemoniza e naturaliza a superioridade européia. O Não-ser assim construído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: auto-controle, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de "coisa que fala" (grifo da autora).

Como visto, a construção do negro como "Não-ser" é um dos mecanismos centrais da racionalidade colonial. Para se afirmar, a identidade branca nega ao sujeito negro atributos como humanidade, racionalidade e capacidade cultural, reduzindo-o à condição de "coisa que fala". Neste sentido, pode-se ver que os versos *"Não sou bicho de estimação"* e *"Minha alma não está nos meus pés"* rompe com a lógica de reificação e da domesticação histórica da mulher negra, recusando o lugar de objeto submisso e reivindicando a condição de sujeito pleno. A imagem da "preta fujona" simboliza não apenas a fuga física da escravidão, mas um deslocamento ontológico e político, ou melhor, a saída do estatuto de "Não-ser" para a afirmação de uma humanidade autônoma, consciente e resistente.

No contexto decolonial, tanto a corporificação da "preta fujona" quanto o cabelo "pixaim", tornam uma metáfora em relação a recusa em aceitar a hierarquia racial construída

pela colonialidade com sua persistência ainda no neocolonialismo disfarçado de uma pós-modernidade. O corpo aparece como território de violência, exploração e objetificação, evocando a história da escravidão e da hipersexualização das mulheres negras no período pós-abolição. Em *"Punhos sangrando"*, é possível identificar a luta e a resistência das mulheres negras dentro dos espaços de presenças (os das casas-grandes). Os versos *"Seios jorrando/Sexo brotando"* remetem-nos à exploração reprodutiva e a sexual, pois as palavras "seios" e "sexo" são os elementos centrais para entender a construção histórica da mulher negra enquanto corpo disponível ao trabalho e ao consumo.

Sob o olhar estético-literário, os poemas apresentam uma linguagem direta com forte intensidade imagética. Ao estruturar versos curtos, livres e as repetições ao longo do poema, como em *"Só por hoje (...)/De tirar (...)/Invado a cena"*, Cristiane Sobral demonstra não só uma tradição da ruptura com os românticos, parnasianos e simbolista, mas a representação metafórica para simbolizar e intensificar a dimensão corporal e histórica da experiência feminina negra. Características estas da lírica contemporânea que, ao trazer o sujeito poético como um ser intempestivo associado aos elementos da poesia negro-brasileira, torna-se em uma literatura engajada em prol do feminismo negro. A ancestralidade, a resistência e a identidade estão simbolizadas na imagem do corpo negro e do cabelo crespo:

> (...) Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas.
>
> Pela primeira vez ouço a expressão cabelo "ruim". Depois uma vizinha disse à minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha "dura". Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, senti muita dor, e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter ideias próprias (...).
>
> Jamais esquecerei a minha primeira sessão de tortura. Era um bonito dia de sol (…) pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado. Nesse momento tive a certeza de que mamãe queria me embranquecer! Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir... (grifos da autora). (Sobral, 2011, p. 21-25).

No conto, há evidência de que o alisamento do cabelo representa essa tentativa de embranquecimento cultural em que o corpo negro é violentado para se adequar aos padrões eurocêntricos de beleza. A dor física e simbólica descrita revela como o racismo estrutural vem operando, inclusive no âmbito familiar, para naturalizar a desvalorização da negritude.

É possível ver aqui o processo da interseccionalidade ao compreender que tais violências não derivam só do patriarcado, mas da articulação entre a raça, a desigualdade econômica e o controle social dos corpos (Collins; Bilge, 2021, p. 16; Akotirene, 2019, p. 19-54). Essas ações de invisibilidade ocorrem ainda na sociedade atual. As mulheres negras enfrentam, simultaneamente, o racismo, o sexismo e o classismo, resultando na vulnerabilidade social e violência estrutural (Geledés, 1993, p. 10). Logo, este mesmo processo de apagamento e de embranquecimento cultural pelo cabelo crespo é visto no poema "Pixaim Elétrico":

> Naquele dia
> meu pixaim elétrico gritava alto
> provocava sem alisar ninguém
> meu cabelo estava cheio de si
>
> Naquele dia
> preparei a carapinha para enfrentar
> a monotonia da paisagem da estrada
> soltei os grampos e segui
> de cara pro vento, bem desaforada
> sem esconder volumes nem negar raízes
>
> Pura filosofia
> meu cabelo escuro, crespo, alto e grave
> quase um caso de polícia
> em meio à pasmaceira da cidade
> incomodou identidades e pariu novas cabeças
>
> Abaixo a demagogia
> soltei as amarras e recusei qualquer relaxante
> assumi as minhas raízes
> ainda que brincasse com alguns matizes
> confrontando o meu pixaim elétrico
> com as cores pálidas do dia.
>
> Pixaim, elétrico!
>
> (Sobral, 2014, p. 21).

O poema representa como o cabelo crespo é ressignificado na condição de símbolo de afirmação identitária e resistência política. Ao personificar o "pixaim elétrico" que "grita alto" e "provoca sem alisar ninguém", o sujeito lírico o transforma em metáfora da recusa aos padrões estéticos eurocêntricos e ao embranquecimento cultural. O gesto de "soltar as amarras" e "assumir as raízes" representa um processo de descolonização da subjetividade, articulando ancestralidade, autonomia e enfrentamento às opressões de raça e de gênero. O cabelo afro deixa de ser uma marca de estigmatização, de filosofia ou de demagogia para se tornar no emblema de dignidade, de visibilidade e autorrepresentação da mulher negra *"sem*

esconder volumes nem negar raízes", pois o *"meu cabelo estava cheio de si"* (memórias, identidades e ancestralidade).

As escritas de mulheres negras transformam as experiências corporais e cotidianas em instrumentos de denúncias sociais e afirmação identitária, deslocando a poesia puramente do estilo estético para o político. A representação do cabelo afro e do corpo feminino negro na poesia de Cristiane Sobral constitui em um potente dispositivo de resistência e reescrita simbólica da identidade, permitindo que outras mulheres negras deixem os espaços de presença (o de doméstica ou de mãe preta) para ocupar os espaços de ausência como os dos campos intelectuais (o de escritoras negras). Ao reivindicar a autonomia sobre o próprio corpo e cabelo, visibilidade e dignidade, o sujeito lírico da poesia sobraliana inscreve várias mulheres subalternizadas no movimento do feminismo negro e da literatura negro-brasileira. Esse eu lírico negro feminino utiliza a palavra poética como emancipação e enfrentamento contra as estruturas históricas de opressão.

Considerações finais

Nos estudos culturais e na perspectiva da decolonialidade pela sua intersecção teórica com a poesia negro-brasileira, a imagem da mulher negra ao longo da história da literatura precisou de ser ressignificada de maneira sociocultural, histórica e econômica para sair desse estereótipo marginalizado de objeto sexualizado para a de sujeito político e libertário. Neste sentido, a análise da escrita de autoria feminina negra, a princípio a de Cristiane Sobral, pode contribuir ou (re)construir a identidade da mulher negra na sociedade. O texto literário não é somente uma expressão estética, mas o espaço de representação simbólica do real em que se produzem e confrontam narrativas da negritude sobre a identidade, o poder e a memória ancestral.

A poética de Cristiane Sobral constitui um potente gesto de resistência decolonial ao tensionar representações históricas que associam a mulher negra à subalternidade, ao trabalho servil e à invisibilidade social. Ao recusar o trabalho doméstico compulsório, a reivindicar o direito ao conhecimento, a ressignificar a abolição da escravidão e afirmar a autonomia sobre o corpo e a estética do cabelo crespo, a voz lírica se desloca da posição de objeto para a de um indivíduo histórico, político e discursivo. Elementos estes que confere a escrita as características, segundo Cuti (2010) e Duarte (2019), da poesia negro-brasileira. Sob esta visão de ruptura, é possível ainda a ver pela ótica da literatura contemporânea por

trazer esse sujeito intempestivo agambeano que emerge do passado no presente pela vivência da população negra escravizada para combater o racismo estrutural o cânone patriarcalista. No que se refere à dimensão da forma, verifica-se que a autora recorre aos versos livres, a linguagem coloquial, a oralidade e as repetições de expressões para, além de aproximar e negar a tradição e a ruptura (Paz, 2020), intensificar a simbolização da forte intensidade imagética do grito de liberdade estética e também das mulheres negras. Esta opção formal não é neutra. Trata-se de um gesto político que subverte o modelo erudito e eurocêntrico da tradição literária brasileira, ampliando as possibilidades de representação e de produção de sentidos, principalmente, das obras de autoria feminina negra.

Os poemas analisados "Não vou mais lavar os pratos", "Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz" e "Pixaim Elétrico" rompem com essa violência física e epistêmica quanto a construção identitária da mulher negra. No decorrer da história da literatura brasileira, a identidade feminina negra deu-se de maneira interseccional atravessada, simultaneamente, por marcadores tanto de raça como de gênero e classe social. O trabalho doméstico, o padrão estético eurocêntrico do cabelo e a exploração do corpo feminino aparecem como expressões concretas da sobreposição de desigualdades. Tais opressões não atuam isoladamente e sim de modo articulado, pois segundo Akotirene (2019) e Collins; Bilge (2021), produziram experiências específicas e negativas para as mulheres negras.

A poética de Cristiane Sobral, e aqui nos referimos também ao conto "Pixaim" da obra *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011), evidencia e promove um processo de descolonização da subjetividade do sujeito lírico e do leitor ao ser questionar as epistemologias hegemônicas para valorizar saberes oriundos da experiência negra feminina. Esta perspectiva de inserção da mulher negra nos espaços de ausência, isto é, dos campos da intelectualidade, dialogam com Carneiro (2005) e Kilomba (2019) a partir dos dispositivos de exclusão racial, do epistemicídio, do racismo cotidiano e da produção do sujeito negro enquanto "Outro". Portanto, o que vimos na poesia sobraliana é a afirmação da humanidade da "preta fujona" e não o da mãe preta, pois houve os seus desejos e sua capacidade de narrar a própria história. O sujeito lírico rompe com esse lugar imposto e reivindica reconhecimento e dignidade.

O corpo e o cabelo afro constituem importantes dispositivos simbólicos de resistência e afirmação identitária. Ao assumir o cabelo natural e rejeitar os padrões estéticos coloniais, a voz poética reivindica visibilidade e autonomia, transformando a estética em um campo de disputa política e cultural. Daí entra a relevância dos estudos decoloniais e interseccionais

como um dos meios analíticos para se compreender as múltiplas formas de opressão contra a mulher negra e suas formas de resistências e de vivências na sociedade ao longo da história literária. Desta forma, podemos afirmar que a poesia negro-brasileira de Cristiane Sobral vem atuando como prática de autorrepresentação e de reescrita da história, contribuindo para desestabilizar discursos hegemônicos e, ainda, de ampliar o repertório da literatura brasileira contemporânea. Sua escrita não só denuncia desigualdades estruturais, mas propõe novas possibilidades de existências baseadas na valorização da identidade negra, a princípio, na autonomia feminina e na preservação da ancestralidade.

Diante do exposto, espera-se que esse estudo tenha contribuído para o fortalecimento dos estudos literários sobre a autoria feminina negra, incentivando que outras jovens negras aprofundem e analisem as produções literárias marginalizadas. Ao reconhecer a potência estética e política dessas vozes ditas periféricas, as novas pesquisas e pesquisadoras estarão rompendo com o epistemicídio. Com isto, a crítica literária ampliará o seu horizonte, participando assim desse processo de democratização do cânone, tornando-o mais plural, representativo e atento às múltiplas experiências que compõem a sociedade brasileira.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 57-73.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*: femininos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

BEHR, Nicolas. A poesia de Cristiane Sobral. In: SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014, p. 2.

CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema***.** 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: Feusp, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.

DIOGO, Rosália. Prefácio. In: SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014, p. 11-15.

DUARTE, Mel (org.). *Querem nos calar*: poemas para serem lidos em voz alta. Rio de Janeiro: Planeta, p.224, 2019.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Metodologia da pesquisa em literatura*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra*: uma poética de nossa afro-brasilidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2026.

GELEDÉS, Instituto da mulher negra. *Mulher negra*. Caderno IV, novembro, 1993. São Paulo: Primavera, 1993. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf. Acesso em: 01 mar. 2026.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: VAREJÃO, Adriana et al. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. 1. ed. Bazar do Tempo, p. 51-81. 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*: relações raciais, quilombos e movimentos. 1. ed. Rio de janeiro: 2021.

PAZ, Octavio. A tradição da Ruptura. In: PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*: do Romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 17-35.

RIBEIRO, Djalma. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

SOBRAL, Cristiane. Pixaim. In: SOBRAL, Cristiane. *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção.* Brasília: Dulcina, 2011, p. 21-25.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.